

## INDICAÇÕES DO USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM DUAS CIDADES DO SEMIÁRIDO PARAIBANO.

Josefa Raquel Luciano da Silva (1); Alison de Oliveira Silva (2); Ellen Tatiana Santos de Andrade (3); Nyanne Leal do Monte (4); Cristina Ruan Ferreira de Araujo (5).

(1) *Discente de Enfermagem e Bolsista do Pet Conexões de saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande. [jraquel.silva@hotmail.com](mailto:jraquel.silva@hotmail.com);*

(2) *Discente de Enfermagem e Bolsista do Pet Conexões de saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande. [alisonsilvaass@hotmail.com](mailto:alisonsilvaass@hotmail.com);*

(3) *Discente de Medicina e Bolsista do Pet Conexões de saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande. [ellenandrade-@hotmail.com](mailto:ellenandrade-@hotmail.com);*

(4) *Discente de Enfermagem e Voluntária do Pet Conexões de saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande. [nayannelealm@gmail.com](mailto:nayannelealm@gmail.com);*

(5) *Prof. Dra. dos cursos de Enfermagem e Medicina e Tutora do Pet Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande. [profcrisinaruan@gmail.com](mailto:profcrisinaruan@gmail.com).*

### RESUMO

As plantas medicinais e a fitoterapia são elementos que constituem parte da biodiversidade e são largamente utilizadas desde os primórdios da civilização por vários povos e de diversas maneiras. Atualmente, cerca de 80% da população utiliza recursos da medicina popular para tratamento de alguma doença ou atenção primária à saúde, sendo que os conhecimentos das técnicas utilizadas e o emprego são transmitidos por gerações de forma oral. Estas informações são preocupantes no meio científico, pois pouco se sabe sobre a confiabilidade e segurança do uso da maioria das plantas medicinais. Contudo, é possível evidenciar o crescente aumento das pesquisas e emprego de técnicas modernas de farmacologia, bioquímica, toxicologia e biologia molecular para avaliar, e validar o uso de plantas medicinais. Destarte, o presente estudo objetiva verificar, quais as plantas medicinais mais utilizadas nas cidades de Soledade e Lagoa Seca, e comparar o conhecimento popular com o científico acerca dessas. Para isso foi realizada uma revisão integrativa da literatura na base de dados da SCIELO entre os meses de Setembro e Outubro de 2016, tendo em vista alcance dos objetivos. Diante deste contexto, torna-se necessário o entendimento etnobotânico e etnofarmacológico das plantas medicinais utilizadas nos cuidados primários à saúde, a importância do conhecimento popular e a unificação da ciência para melhorar a aplicabilidade e o uso deste recurso natural. Devemos ter em mente as particularidades de cada pessoa, as contraindicações para certas fases da vida, o modo de preparo, pois tudo influencia na cura ou na cronicidade das patologias. Portanto, faz-se necessário a educação permanente em saúde da população acerca do uso racional de plantas medicinais.

**Palavras-Chave:** Plantas medicinais; Fitoterapia; Atenção Primária à Saúde; Educação Permanente; Etnobotânica.

## 1 INTRODUÇÃO

O uso de plantas que apresentam propriedades medicinais é conhecido e propagado através da cultura e da tradição popular. E esse conhecimento, vai sendo passado para as gerações seguintes, com o intuito de tratar enfermidades e para que as pessoas mantenham-se saudáveis. Mas esse não é um fenômeno isolado. Calcula-se que 80% da população dos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento são quase completamente dependentes da medicina caseira, utilizando plantas para as suas necessidades primárias de saúde (BADKE *et al*, 2012).

Diferentes fatores têm contribuído para o aumento desta utilização, tais como o alto custo e efeitos indesejáveis de medicamentos alopáticos, a eficácia e verificação do respaldo científico dos fitoterápicos, o difícil acesso da maioria da população mundial a assistência médica e farmacêutica, a carência de recursos dos órgãos públicos de saúde, e até mesmo a tendência dos consumidores em utilizar preferencialmente produtos de origem natural (BESERRA *et al*. 2007, AGRA & DANTAS 2007; BADKE *et al*, 2012).

Sabe-se que o Brasil é privilegiado com uma das mais ricas biodiversidades vegetais do mundo, se destacando com uma grande coleção de plantas com valores medicinais. No entanto, pouco se conhece sobre as ações terapêuticas existentes nessas plantas, sendo imprescindíveis estudos de classificação, pois pode ser encontrada nas plantas a cura para graves doenças que afligem a humanidade ou até mesmo a morte dos indivíduos pelo uso inadequado das mesmas (França *et al*, 2011).

No que diz respeito ao Cariri Paraibano, Agra *et al*. (2007) vem dizer que: “os estudos sobre o uso de plantas na medicina popular são relativamente recentes com resultados parciais de etnomedicina, farmacobotânica; e mais recentemente de estudos fitoquímicos” (Agra *et al*, 2007, p. 324).

No intuito de colaborar nas discussões sobre a temática, o objetivo do presente estudo foi identificar quais as plantas medicinais mais utilizadas em duas cidades do semiárido paraibano, Soledade e Lagoa Seca, e o conhecimento popular acerca das indicações das mesmas.

## 2 MÉTODOS

O estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura, que abrange a “apreciação” de pesquisas relevantes, dando suporte para a tomada de decisão e o avanço da prática clínica, permitindo a síntese do conhecimento de um determinado tema, além de apontar lacunas do conhecimento que necessitam ser completadas com a efetivação de novos estudos. Ainda incorpora um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular (MENDES, *et al*. 2008; SOUZA, *et al*. 2010).

Uma revisão abrangente envolve essencialmente três passos: 1º Identificar os descritores, onde a primeira coisa a fazer é constituir uma série de descritores ou lista de palavras-chave relacionadas ao estudo, para fazer a pesquisa nas bases de dados e nos motores de busca. 2º Rever fontes secundárias. Fontes secundárias são aquelas que são escritas por autores que decodificam os trabalhos de outros. Incluem resumos, dicionários temáticos e manuais. São importantes porque combinam conhecimento a partir de várias fontes primárias e dão uma visão geral rápida sobre o assunto. 3º Recolher fontes primárias. Nesta fase, deve-

se determinar quais livros e artigos são mais relevantes para o estudo e recolher cada uma das fontes primárias (BENTO, 2012).

Desse modo, durante a revisão integrativa foram realizadas as seguintes etapas metodológicas: Escolha dos descritores; Levantamento bibliográfico preliminar; Coleta de dados: os dados foram coletados durante o mês de Setembro de 2016, na base de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO). Foram selecionados os estudos que atendessem aos seguintes critérios: conter pelo menos 02 dos 04 descritores em ciências da saúde (DeCS) pertinentes à temática do estudo: “Plantas Medicinais”, “Fitoterapia”, “Atenção Primária à Saúde”, “Etnobotânica” e suas combinações; estar disponível na íntegra em língua portuguesa ou inglesa; ter sido publicado entre os anos de 2006 a 2016, fazer parte de estudos transversais.

É importante que se destaque que, na realização dessa pesquisa, os pesquisadores consideraram as diretrizes éticas que estão contidas na resolução nº 311/2007 a qual se destina dispor sobre o ensino, a pesquisa, e a produção técnico científica, o que se refere, sobretudo, ao capítulo III onde são oferecidos os seguintes arranjos:

ART. 91- Respeitar os princípios da honestidade e fidedignidade, bem como os direitos autorais no processo de pesquisa, especialmente na divulgação dos seus resultados. (COFEN,2007, p. 6).

### 3 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Na cultura nordestina é comum o uso de plantas medicinais na preparação de remédios caseiros para tratar diversas enfermidades. Apesar das pesquisas científicas que visam a validação do uso de plantas serem recentes, as práticas populares relacionadas ao seu são o que muitas comunidades têm como alternativa viável para o tratamento de doenças ou manutenção da saúde. Por ser um conhecimento mantido, principalmente, por meio da tradição oral e por conta da pouca informação comprovada sobre os efeitos benéficos e maléficos de plantas medicinais, tem-se que nem sempre é observada pela população sua forma de utilização (OLIVEIRA; ARAUJO, 2007).

Além disso, alguns grupos etário-sociais necessitam de maior atenção, como por exemplo, crianças, idosos, grávidas, estes devem se atentar tanto sobre qual planta utilizar para determinada patologia, quanto para a parte da planta utilizada, a forma de preparo, armazenamento e higiene (JUNIOR *et al.*, 2012)

O uso de medicamentos em crianças, principalmente nos bebês, nos quais o metabolismo da droga e a função renal são menos eficientes, podem acarretar efeitos mais intensos. Já em idosos por eles utilizarem a polifarmácia no tratamento de suas enfermidades crônicas, quando se usa além dos medicamentos alopáticos, plantas medicinais, muitas substâncias quando associadas, podem dar origem a outras, alterando as propriedades farmacológicas produzindo produtos tóxicos e desconhecidos, e além disso, E nas mulheres grávidas, já é comprovado cientificamente que algumas plantas têm efeito emenagogo, teratogênico e abortivo como por exemplo, o *Peumus boldus*, *Phyllanthus niruri* e entre outros. (TORRES *et al.*, 2006; Ferro, 2006; RANGEL, BRAGANÇA, 2009).

A forma de preparo correta das plantas medicinais deve ser levada em consideração devido aos diferentes óleos essenciais voláteis presentes nas folhas, flores e outros órgãos da planta (ALMASSY JÚNIOR *et al.*, 2005)

A infusão consiste em despejar água fervendo em uma vasilha bem fechada com a planta dentro e deixá-la repousar por aproximadamente dez minutos. A decocção, que consiste em colocar a erva numa vasilha com água fria e cozinhar de cinco a trinta minutos, dependendo da erva que se quer utilizar. Geralmente é utilizado para cozimento de raízes e ervas secas, já a maceração, consiste em colocar as ervas, geralmente verdes, de molho em água fria por um período de 10 a 24 horas, antes de fazer o uso (SIMÕES, 1998).

Outra forma de preparo bastante difundida pela sociedade é a utilização do lambedor, porém, na bibliografia pertinente, pouco se encontra em relação a análise do preparo de lambedores. Chaves e colaboradores, (2008) diz que o tempo de cozimento não deveria ultrapassar 15 a 30 minutos, já que os princípios ativos existentes nas plantas são perdidos por um período de aquecimento prolongado, o que pode alterar a atuação do medicamento.

Chaves e colaboradores (2008) realizou uma pesquisa na cidade de Campina Grande-PB e como resultados obteve que: foram citadas mais de 60 plantas no preparo de lambedores, as folhas eram as partes mais usadas das plantas, os raizeiros extrapolavam o tempo de cozimento, e dentre as doenças indicadas em relação ao uso de lambedores, a tosse foi a mais citada.

No estudo de Brito *et al* (2009), as plantas mais citadas foram: Malva-rosa, (*Pelargonium graveolens* Art). (66,6%), Hortelã-da-folha-miúda (*Mentha x villosa* Huds) (58,3%), Erva-cidreira (*Lippia alba* L.) (50%), Mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) (41,6%), Cebola-branca (*Allium ascalonium* L.) (41,6%), Sabugueiro (*Sambucus australis* Cham e Schlecht) (33,3%), Colônia (*Alpinia speciosa* Schum) (33,3%), Erva-doce (*Pimpinella anisum* L.) (25%), Alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) (25%). Observou-se também qual a maneira de preparar os remédios caseiros, as formas mais citadas foram: chá (infuso), decoto e lambedores. Verificou-se que 91,07% das plantas indicadas popularmente, coincidiram com a literatura pesquisada.

Uma vertente importante a ser analisada é a ordem particular para acrescentar as plantas à cozedura. Deve-se iniciar-se com as partes mais duras, que são as cascas e raízes e deve-se esperar o início do cozimento, ficando, estas partes, mais tempo expostas ao calor. Em seguida acrescentam-se as partes mais verdes, que são as folhas, por serem mais voláteis, e espera-se para abrir a fervura novamente, para então ser retirada do fogo, abafada e consumida via oral (ARAÚJO, *et al* 2015).

A Tabela 1 demonstra algumas plantas medicinais utilizadas e suas formas de preparo e indicações por agricultores em uma cidade do semiárido Paraibano.

Através dos resultados encontrados na tabela podemos confirmar no estudo de Xavier e colaboradores (2011), que apesar do conhecimento da maioria das pessoas acerca do uso de plantas medicinais ser empírico, as formas de preparo, em relação às partes das plantas medicinais utilizadas estão corretas. E por saber que seu uso/modo de preparo indevido, pode apresentar inúmeras complicações para o bem-estar do ser humano, deve ocorrer, então a realização de atividades educativas.

Ou seja, deve ocorrer uma melhor preparação do profissional de saúde, desde a sua graduação, para que ele possa se habituar às terapias alternativas e complementares, já que são multiplicadores de saberes na comunidade, devem estar devidamente qualificados para prestar informações verídicas e o mais corretas possível a população (NASCIMENTO JUNIOR *et al*, 2016).

**Tabela 1** - Nomes populares e científicos, partes das plantas utilizadas, indicações e forma de preparo das plantas medicinais utilizadas pelos agricultores/as do Sítio Cardeiro, município de Soledade - PB.

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE USADA	INDICAÇÕES	FORMA DE PREPARO	V.A*
Boldo	<i>Peumus boldus</i>	Folhas	Gases intestinais	Chá-infusão	20
Capim santo	<i>Cymbopogon citratus stopf</i>	Folhas	Dor de barriga, diarreia, sedativo e febre.	Chá-infusão	19
Erva cidreira	<i>Lippia alba</i>	Folhas	Má digestão, insônia, calmante, insônia, resfriado e diarreia.	Chá-infusão	19
Espinho cigano	<i>Acanthospermum hipidudum hipidum DC</i>	Raiz	Problemas renais, asma, expectorante, bronquite, tosse e anti-inflamatório.	Chá-lambedor	16
Hortelã miúda	<i>Mentha piperita</i>	Folhas	Cólica abdominal e menstrual	Chá-infusão	16
Endro	<i>Anethum graveoles</i>	Flor	Cólica abdominal e menstruação	Chá-infusão	15
Erva Doce	<i>Pimpinella Asisum</i>	Flor	Febre e resfriado	Chá-infusão	14
Romã	<i>Punica granatum</i>	Fruto	Inflamação na garganta e rouquidão	Cozimento e maceração	14
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus Labill</i>	Folhas	Tosse gripe e febre.	Chá-infusão	13
Saião	<i>Kalanchoe brasilienses cambess</i>	Folhas	Dor de ouvido, tosse e gripe.	lambedor	12

**Fonte:** (XAVIER *et al.*, 2011).

Va\*: Valor absoluto de participantes.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Percebeu-se com o estudo, que a população das cidades de Soledade e Lagoa Seca utilizam plantas medicinais nas suas condições clínicas de baixo risco. E que maioria dos pacientes compartilha a opinião correta sobre as indicações dos chás e dos preparados vegetais.

Nesse sentido, há necessidade de mais profissionais especializados para orientação sobre o perigo de reações adversas e interações medicamentosas no que se refere ao uso de espécies vegetais, enquanto tratamento de saúde.

Por fim, deve-se analisar também os grupos etários/sociais que tem restrições ao uso de certas plantas e suas combinações. Pois, antes de se utilizar um produto natural é preciso, acima de tudo, conhecer o seu verdadeiro efeito ao organismo.

#### REFERÊNCIAS

BADKE, M. R.; *et al.* Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. **Texto contexto - enferm. [online]**, [S.L.], v. 21, n. 2, p. 363-370, 2012.

BENTO, A.V. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA** (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), v.7, n. 65, p. 42-44, Maio de 2012.

BRITO, V. F. S.; DANTAS, I. C.; DANTAS, G. D. S. Plantas medicinais utilizadas pela comissão de mulheres na zona Rural no município de Lagoa Seca – PB. v. 3, n.1, p. 112-123, 2009.

CHAVES T.P.; DANTAS I.C.; FELISMINO D.C.; DANTAS V.S.; DANTAS G.D.S.D. Lambedor: um Conhecimento Popular em Abordagem Científica. **Revista de Biologia e Farmácia**, v.2, n.1, p. 1-19, 2008.

MENDES, K.D.S.; SILVEIRA, R.C.C.P., GALVÃO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na Enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.17, n.4, p. 758-764, 2008.

NASCIMENTO JÚNIOR, B. J.; TÍNEL, L. O.; SILVA, E. S.; RODRIGUES, L. A.; FREITAS, T. O. N.; NUNES, X. P.; AMORIM, E. L. C. Avaliação do conhecimento e percepção dos profissionais da estratégia de saúde da família sobre o uso de plantas medicinais e fitoterapia em Petrolina-PE, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.18, n.1, p.57-66, 2016.

Oliveira CJ, Araújo TL. Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial. **Rev. Eletr. Enf. [Internet]**, v.9, n.1, p. 93-105, 2007.

OLIVEIRA, E.R; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte - MG. **Rev. bras. plantas med.**, Botucatu, v. 14, n. 2, p. 311-320, 2012.

RANGEL, M.; BRAGANCA, F. C. R. Representações de gestantes sobre o uso de plantas medicinais. **Rev. bras. plantas med.**, Botucatu, v. 11, n. 1, p. 100-109, 2009.

SIMÕES, C. M. O.; MENDEZ L.A.; SCHEK E.P.; IRGANG B.E.; et al. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul**. 5ª ed. Porto Alegre (RS): UFRGS; 1998.

TORRES, A.R. et al . Estudo sobre o uso de plantas medicinais em crianças hospitalizadas da cidade de João Pessoa: riscos e benefícios. **Rev. bras. farmacogn.**, João Pessoa , v. 15, n. 4, p. 373-380, 2006.

VEIGA JUNIOR, V. F.; PINTO, A. C.; MACIEL, M. A. M. Plantas medicinais: cura segura? **Quím. Nova**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 519-528, 2005.